

MADAME GODIN: EVIDÊNCIAS DE COLONIZAÇÃO NOS FIOS DA HISTÓRIA

MADAME GODIN: EVIDENCE OF COLONIZATION ON THE THREADS OF HISTORY

Recebido: 19/04/2022

Aprovado: 30/06/2022

Publicado: 28/07/2022

DOI: 10.18817/rlj.v6i1.2782

Maria Josilene de Souza Ferreira¹

Orcid ID: <https://orcid.org/0000-0002-7888-1376>

Larissa Gotti Pissinatti²

Orcid ID: <https://orcid.org/0000-0002-7964-7063>

Sonia Maria Gomes Sampaio³

Orcid ID: <https://orcid.org/0000-0003-4466-4397>

Resumo: O objetivo principal desse artigo é identificar aspectos colonizadores presentes na figura histórica de Madame Godin apresentada no conto “Madame Godin” constante na obra *Gaivotas* de Hélio Rocha. O artigo está dividido em duas partes. Na primeira parte do artigo faremos uma apresentação de quem foi Madame Godin, considerando elementos que aparecem no conto em questão e, principalmente, nas cartas de Jean Godin à La Condamine, em seguida, apresentaremos evidências de colonização expressas nas experiências e vivências da personagem. Para tanto utilizaremos a abordagem crítica dos estudos pós-coloniais identificando aspectos colonizadores relacionando com autores que argumentam sobre história em diálogo com a literatura. O suporte teórico terá como base Hayden White, Albert Memmi, Neide Gondim, Maria Lugones, Frantz Fanon, dentre outros. Espera-se como resultado desse artigo a reflexão sobre a visão dos europeus em relação ao novo mundo e, especificamente, sobre a Amazônia e a opressão em relação aos considerados à margem, entre esses sujeitos, as mulheres.

Palavras-chave: Madame Godin; Estudos pós-coloniais; Colonização.

Abstract: The main objective of this article is to identify colonizing aspects present in the historical figure of Madame Godin presented in the short story “Madame Godin” found in the work *Gaivotas* by Hélio Rocha. The article is divided into two parts. In the first part of the article we will present who Madame Godin was, considering elements that appear in the story in question and, mainly, in Jean Godin's letters to La Condamine, then we will present evidence of colonization expressed in the character's experiences and experiences. In order to do so, we will use the critical approach of post-colonial studies,

¹ Graduada em Letras, com habilitação em Língua Portuguesa, pela Universidade do Estado do Pará; Mestranda em Estudos Literários, pela Fundação Universidade Federal de Rondônia; Membro do grupo de pesquisa Letramento Literário: estudos de narrativas da/na Amazônia. E-mail: josyvetavinho@gmail.com

² Doutora em Educação (Universidade Estadual de Maringá). Mestre em Estudos Literários (Universidade Federal de Rondônia). Graduada em Filosofia (Centro Universitário Assunção). Professora efetiva lotada no Departamento de Língua Vernáculas e do Programa de Pós-Graduação. Participa do Programa do Mestrado Acadêmico em Estudos Literários da Universidade Federal de Rondônia, campus Porto Velho – RO. Vice-líder do Grupo de pesquisa - Letramento literário: pesquisas de narrativas da/na Amazônia/UNIR/CNPq. E-mail: larissa.pissinatti@unir.br

³ Professora Associada da Universidade Federal de Rondônia - UNIR. Graduada em Letras/UNIR. Mestre em Educação pela Universidade Federal do Rio de Janeiro (1998) e Doutora em Educação Escolar no eixo de Gestão e Políticas Pública pela Universidade Estadual Paulista (2010). Pós-doutora pela Universidade Federal de Roraima-UFRR. Participa do Programa do Mestrado Acadêmico em Letras e do Mestrado Acadêmico em Estudos Literários. Email: soniagomesampaio@gmail.com

identifying colonizing aspects relating to authors who argue about history in dialogue with literature. The theoretical support will be based on Hayden White, Albert Memmi, Neide Gondim, María Lugones, Frantz Fanon, among others. It is expected as a result of this article a reflection on the vision of Europeans in relation to the new world and, specifically, on the Amazon and the oppression in relation to those considered on the margins, among these subjects, women.

Keywords: Madame Godin; Postcolonial Studies; Colonization.

Fios iniciais

Divino amigo, saberás tudo com detalhes. Não tenho razões para te ocultar uma vírgula do nosso fim. Saberás como ocorreu. Somos pretendentes da consorte de Odisseu, desaparecido. Quanto ao casamento, ela não se opunha nem se dispunha a casar, maquinava nosso aniquilamento. Na mente, ela elaborava truques. Instalou um tear no quarto dela. Era imenso, para tecer um leve e amplo manto. A versão dela para nós foi esta: 'Jovens pretendentes meus, Odisseu está morto. Esperem! Não me forcem a casar. Preciso concluir um manto. Não quero que a lã se estrague. É uma mortalha para Laertes, um herói. A Moira é terrível, leva todos. Ninguém escapa. Não quero cair na boca do povo. As mulheres poderiam comentar: um homem opulento jaz sem mortalha.' Contentes não estávamos, mas ela conseguiu levar-nos na conversa. Dia vai, dia vem, ocupada no tear. A desgraçada desfazia de noite, à luz de tochas, o que tinha produzido durante o dia (HOMERO, 2011, p. 244).

Adentrar a história por meio da literatura é também fazer memória. Homero ao retomar o mito de Penélope, nos convida a perceber nos fios que teceram o passado a possibilidade de um novo presente. O tear da história está sempre em movimento fazendo e desfazendo seus fios, trançando na memória a preservação do vivido. Segundo Ramos (2011), olhar o passado nos possibilita a criação de novos sentidos, imagens e significados.

Nesse sentido, White (2000), afirma que a literatura é um espaço, por meio do qual as narrativas históricas são ficcionalizadas e embora o enredo nem sempre corresponda à realidade vivida, pois é urdido no processo criativo, apresentando lampejos da realidade, nos possibilitando e instigando o exercício da memória. Por trás da ficção está a história e a literatura se faz, estrategicamente, ferramenta para seu reconhecimento.

Partindo dessas premissas, objetivamos nesse trabalho identificar aspectos colonizadores nas vivências da figura histórica de Madame Godin, apresentada no conto "Madame Godin", da obra *Gaivotas* de Hélio Rocha. Para tanto, será preciso compreender as evidências históricas presentes nas cartas de Jean Godin à La Condamine (2000). Faremos essa tessitura rememorando a história através dos relatos de viagem.

A carta foi uma importante ferramenta de comunicação e registro da história (ou das histórias – reais ou fictícias) do Brasil e das Américas, seja no período de colonização, seja em período posterior. Desde a vinda dos europeus ao continente americano, as cartas foram utilizadas como instrumento de registro e informação sobre o novo território, descrevendo a fauna, a flora, os povos locais e suas culturas.

Consideradas instrumentos históricos de descrição, documentação e certidões de nascimento de alguns países, apresentavam informações verossímeis ou fantásticas, nesse caso, da região amazônica. Por meio delas é possível conhecer e identificar a figura histórica de Madame Godin na travessia da região amazônica em busca de seu marido, Jean Godin. As cartas e outras formas de registros das expedições amazônicas inspirarão obras literárias que no trato da ficção apresentarão aspectos históricos, possibilitando trazer a memória e a reflexão do período de colonização na Amazônia.

No conto “Madame Godin”, Hélio Rocha destaca em rodapé, logo no início, a obra *The lost lady of the Amazon: the story of Isabela Godin and her epic journey*, em que o autor a apresenta como a personagem principal do romance. Essa obra foi publicada em 2003, na Inglaterra. Além disso, Rocha (2015), destaca aspectos históricos da colonização europeia nas Américas, assim como, aspectos políticos e culturais, contextualizando a personagem no conto. Portanto, compreender a personagem Madame Godin, implica adentrar a sua história e rememorar. E assim, faremos esse fiar e desfiar da história, a partir dos estudos críticos pós-coloniais.

Madame Godin: tessitura entre a história e a literatura

As cartas, os diários e os relatos de viagens são fundamentais para registrar as impressões dos viajantes em se tratando da existência do Novo Mundo, e suas histórias contadas de acordo com o olhar do europeu sobre o outro (povo ameríndio). Gondim (2009) destaca que a partir dessas cartas, são forjadas imagens do paraíso aqui na terra, das riquezas, das monstruosidades, dos canibais, além da descrição da fauna e da flora amazônica, dentre outras características apresentadas pelos viajantes na travessia do Atlântico e chegada às Américas.

As primeiras cartas produzidas para informar a respeito do novo continente mostram certo fascínio a partir das impressões primárias, aguçando o imaginário e a curiosidade dos europeus. Diários de bordo, relatos de viagens e cartas fazem

descrições minuciosas sobre tudo o que os viajantes veem, porém, essa é a visão deles, algumas com mais veracidade que as outras.

As cartas, ao descreverem aspectos do novo território, apresentam equívocos, mas que ainda são muito valiosas para a compreensão do processo de colonização, pois são os registros que mais aproximam àquilo que hoje se conhece, como as atividades executadas pelos europeus, o conhecimento dos indígenas (com relação às suas atividades, costumes, crenças) e a vinda (forçada) dos africanos para esta região.

A carta de Pero Vaz de Caminha, por exemplo, foi considerada inédita por cerca de dois séculos no Arquivo Nacional Torre do Tombo (Lisboa-Portugal), sendo publicada no Brasil, pelo padre Manuel Aires de Casal, em 1817.

No ano de 2005, a carta (então documento) teve sua inscrição no Programa Memória do Mundo da Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura. No conto, é possível observar menção à participação dos religiosos no processo de colonização:

[...] De qualquer modo, havia sempre outras colheitas mais fáceis para europeus ávidos por terra, dirigindo-se agora, a outras possibilidades globais e imperiais. À parte do resto da América do Norte, aonde os Jesuítas chegariam mais tarde, havia a África, a Índia e as grandes extensões de terra do Extremo Oriente, quer seja para serem povoadas diretamente ou para servir de entrepostos comerciais antes de ser gradualmente usurpadas [...] (ROCHA, 2015, p. 106).

De acordo com Neide Gondim (2009) o olhar para o novo evidencia a diversidade (e principalmente, a biodiversidade), sejam em aspectos maravilhosos, sejam em aspectos monstruosos, ampliando as possibilidades de exploração e dominação que o novo/desconhecido oferece. As narrativas registradas pelas cartas endereçadas à La Condamine permitem um deslumbramento com relação à natureza, mostrando a Amazônia como algo exótico e, ao mesmo tempo, muito perigoso. A inferiorização do território em relação à Europa, apresentando-o como selvagem e insólito se constitui, conforme Memmi (2007), uma das estratégias de colonização, ao compreender o outro como menor, cria atributos que justificam a dominação e exploração.

A demarcação de terras se apresenta como forma de dominação do território, trabalho esse realizado por Jean Pierre Godin des Odonais quando vêm à América do

Sul⁴ na expedição de La Condamine. Em uma dessas expedições, conhece e se casa com uma peruana, Isabela de Grandmaison y Bruno, posteriormente conhecida como Madame Godin.

Para uma expedição dessa natureza, em um território desconhecido, era preciso especialistas, embora fossem comuns certos “passeios” de viajantes curiosos. Entretanto, a expedição de La Condamine⁵ rumo à América do Sul contava com um grupo composto por diversos especialistas, como aponta o conto:

Charles Marie de La Condamine, geodésico apaixonado por viagens; Pierre Bouguer, astrônomo; Louis Godin, matemático e diretor científico da expedição; Jean Pierre Godin des Odonais, seu sobrinho; De Morainville, desenhista técnico e engenheiro; Jean Senièrgues, médico; Joseph de Jussieu, botânico; Hugot, relojoeiro e técnico de instrumentos; Verguin, capitão da Marinha; Mabillon, assistente, e Couplet, sobrinho do tesoureiro da Academia de Ciências de Paris (ROCHA, 2015, p. 101).

Essa expedição, além dos interesses políticos e científicos, fez com que uma história de amor se perpetuasse, visto que retrata a separação de Jean Godin e Madame Godin e a busca incessante de sua esposa pelo reencontro. De acordo com Rocha, 2015 (p. 109):

[...] Por mais de vinte anos um continente os separou. Entre esses dois indivíduos, além da América do Sul, havia a extensão do poderoso rio Amazonas, o mais formidável de todos os rios do mundo. O casal era peça de um jogo muito maior, com reis e ministros envolvidos confusamente, e sem ninguém mais dando muita importância ao fato de que a Terra tinha forma achatada ou alongada em seus extremos. O casal desejava viver junto, mas descobriu que esse desejo tão simples tornara-se extraordinariamente difícil, devido à fusão política e a empecilhos como os Andes, as tribos indígenas, as suspeitas e o impressionante rio Amazonas. Duas décadas de incertezas tinha que ser vivenciadas antes que a lealdade do casal pudesse triunfar numa história de amor que começou com o pedido lúcido, se não excêntrico, da Academia de Ciências de Paris.

Essa história ficou conhecida em função das cartas trocadas entre Jean Godin (topógrafo) e La Condamine (chefe da expedição). Separados pela função do trabalho

⁴ “As expedições militares têm objetivo e cariz científico (reconhecer geograficamente o território, reformular dados, cartografar e medir) e a expedição científica insere-se no âmbito de uma política de colonização (justificar pelo conhecimento científico a área disputada)” (Domingues, 1991, p. 17).

⁵ A expedição de La Condamine, embora seja considerada um triunfo para a diplomacia, na prática, foi desastrosa e um verdadeiro fracasso, pois diversos foram os impasses, tanto que o retorno dos integrantes do grupo durou cerca de 20 anos. De acordo com Pratt (1999, p. 51) Isabela é considerada a única “amazona” que atravessou a selva para reencontrar seu marido, numa extraordinária viagem marcada por inúmeras tragédias.

do marido, sua condição gestacional se abalava a cada dia. Nesse contexto, Jean Godin saiu de uma extremidade para a outra do rio Amazonas e sua esposa continuou no Peru, no entanto, uma viagem à Europa estava prestes a se concretizar, mas Jean Godin não pretendia partir para a França sem sua esposa. Ela estava grávida, sendo impossibilitada de fazer a viagem com La Condamine, pois a travessia implicava em riscos.

Jean Godin partiu, saindo de Riobamba em 1749 e chegou a Caiena em 1750 (viagem de cerca de oito meses). A promessa de retornar para buscar sua esposa continuou e, graças a esta viagem, Isabela provavelmente não estaria grávida e teria melhores condições para a travessia. A viagem até Caiena aconteceu satisfatoriamente, agora a intenção de Jean era voltar para rever sua família, mas não teve permissão para retornar pelo mesmo trajeto, por se encontrar em território estrangeiro. Os anos se passaram, no entanto, a permissão não foi concedida, pois não apresentava vantagem alguma aos “donos” das terras.

A esta altura, Godin buscava alternativas para retornar para sua casa (em Riobamba). A decisão (desesperada), então, tomada por ele seria ajudar a França a alcançar novas terras, pois conhecia o rio Amazonas e poderia ser muito útil. Godin, escreveu uma carta na qual advogava guerra contra Portugal, seu maior medo era de a carta cair em mãos erradas (inimigas), acarretando na perda de quaisquer ajuda por parte dos portugueses, o que impossibilitaria o reencontro dos Godin.

O medo agora assombrava Jean Godin. Entretanto, o inesperado aconteceu:

De repente, numa reviravolta, chegou a Caiena, em 18 de outubro de 1765, um pequeno navio português. Era um galeote que vinha do Pará. [...] por ordem do rei de Portugal, devia receber a bordo Jean Godin e transportá-lo rio acima para ir buscar sua família. Haveria uma parada no Pará e, depois disso, o navio subiria o Amazonas até onde fosse possível. Esperaria então até que o cientista francês fosse a Riobamba e trouxesse os membros de sua família. Todos seriam então conduzidos ao Pará (SMITH, 1990, p. 238).

Após cerca de dezesseis anos sem ver sua família, a permissão foi concedida, “devia ser o mais feliz dos acontecimentos para ele” (SMITH, 1990, p. 238), porém, o medo de ter tido sua carta lida por uma autoridade portuguesa o atormentava. Fingiu estar doente, mais tarde, ficou realmente, e o navio continuou a esperá-lo. Para o capitão da embarcação, este estava cumprindo seu dever, esperando pacientemente por Jean Godin, que temia ser uma armadilha por conta da carta.

Todavia, o governador de Caiena não estava satisfeito com um navio estrangeiro em seu porto. Restando a ele resolver esse impasse, trocando com Jean cartas nada amigáveis, então, o governador ordenou que o navio se retirasse. Jean Godin se acovardou, enviando em seu lugar uma pessoa de confiança, entregando-lhe dinheiro e cartas, custeando as despesas da viagem e emitindo cartas endereçadas à Isabela. De acordo com uma das cartas enviadas à La Condamine, Jean Godin escreve:

Pensei logo em Tristán d'Oreasaval, a quem eu conhecia desde muito, e que julguei idôneo para a árdua incumbência. O invólucro, que lhe confiei, continha as ordens do geral dos jesuítas ao provincial de Quito e ao superior das Missões de Mainas, para que me proporcionassem as canoas necessárias à viagem de minha mulher. A Tristán d'Oreasaval cabia unicamente o encargo de levar os ditos papéis ao superior residente em La Laguna, capital das missões espanholas de Mainas, a quem eu rogava, enviasse as minhas cartas a Riobamba, para que minha mulher soubesse dos preparativos feitos por ordem do rei de Portugal, mediante recomendação do rei de França, a fim de conduzi-la a Caiena. Tristán d'Oreasaval nada mais tinha a fazer do que esperar em La Laguna a resposta de Riobamba (LA CONDAMINE, 2000, p. 184).

O homem de sua confiança, na verdade, não era tão confiável como se pensava, pois não cumpriu o combinado, fazendo uso indevido do dinheiro e não entregou as cartas aos destinatários. Novamente o destino lhe surpreendeu, como aponta outro relato sobre Madame Godin, denominada no excerto:

Tristán não apenas usou o dinheiro em seu próprio interesse, quase imediatamente, mas também foi desleal com as cartas. Algumas chegaram a Quito, onde foram lidas por pessoas das mais diferentes facções, mas nunca recebidas pelo padre superior nem por Isabela. (SMITH, 1990, p. 239).

Por sorte, os boatos chegaram aos ouvidos de Isabela “que ansiava por todas as migalhas de notícias” (SMITH, 1990, p. 240), que enviou um empregado fiel para averiguar se os boatos eram verídicos. Com a volta do empregado, após dois anos, Madame Godin teve sua comprovação. Em outra passagem de uma das cartas, Godin escreve para seu amigo:

Apesar da indesculpável manobra do meu emissário, não tardou-se a propagar-se pela província de Quito um vago rumor, que logo chegou aos ouvidos de Mme. Godin, não só de que ali tinham sido chegadas cartas para ela, por intermédio de um padre jesuíta, mas ainda que haviam aportado às missões portuguesas mais altas um barco fretado por ordem de Sua Majestade Fidelíssima a fim de induzi-la a Caiena. Seu irmão, religioso agostinho, ao mesmo tempo que o padre Terol, provincial da ordem de São

Domingos, agiram insistentemente junto ao provincial dos jesuítas, no intuito de obter as cartas. Avistaram-se com o missionário jesuíta, que informou havê-las entregado a outro, e este se desculpou de igual modo, alegando que as havia passado às mãos de um terceiro. E, assim, por mais diligências que se fizessem, até hoje não apareceu o pacote de minhas cartas e documentos (LA CONDAMINE, 2000, p. 185).

Inquieta, desesperada, angustiada, Isabela precisava tomar alguma decisão, pois estava certa de que uma embarcação a aguardava. O tempo, aparentemente, sempre foi seu inimigo:

Nessa história, a passagem do tempo se dá descuidadamente, Godin ficara esperado na Guiana durante dezesseis anos, até o galeote chegar. A viagem de subida do Amazonas levou oito meses, até que a chegada do barco a Lagunas desencadeasse todos os boatos. Esses tiveram de ser sabidos por Isabela, para ela mandar seu empregado na missão de dois anos. Assim sendo, foi só em 1769 que ela pode tomar a mais importante decisão de sua vida. Iria de qualquer forma até o barco e partiria com ele. Finalmente, após tanto tempo, encontraria o marido. [...] (SMITH, 1990, p. 240).

Nota-se que o tempo não estava a favor do casal, uma vez que qualquer viagem rápida durava em torno de meses e até anos, seu reencontro precisou de duas décadas para acontecer. Isabela, então, decidiu descer o rio Amazonas para encontrar seu marido, constam nos relatos de Godin:

Foi então que Mme. Godin se decidiu a pôr-se em caminho, vendendo quantos móveis pôde e deixando a cargo de seu cunhado os demais, assim como a nossa casa de Riobamba, o jardim e terras de Guaslém e outras terras entre Gualté e Maguazo. Podeis calcular quanto tempo foi o que transcorreu, desde o mês de setembro de 1766, em que foram entregues as minhas cartas ao missionário jesuíta, a longa viagem deste a Quito, as tentativas para obter o pacote que andou de mão em mão, a positivação dos rumores propagados pela província de Quito e que chegaram até Mme. Godin em Riobamba, as incertezas dela, as duas viagens do negro a Loreto e seu retorno a Riobamba, a alienação do mobiliário de uma casa e os preparativos de uma viagem tão extensa... Por todos esses motivos, não pôde minha mulher partir de Riobamba, que está a 40 léguas ao sul de Quito, senão a 10 de outubro de 1769 (LA CONDAMINE, 2000, p. 186).

O pai de Madame Godin, Dom Pedro de Grandmaison y Bruno (administrador colonial em Riobamba) além de não tentar fazer a filha desistir, foi pessoalmente em uma viagem a fim de amenizar a primeira parte da travessia de Isabela. Juntou alguns homens e saiu reconhecendo o rio, as passagens e as vilas que poderiam oferecer algum auxílio à sua filha (embora alguns infortúnios aparecessem, como o fato de um dos tripulantes da equipe de seu pai, estar contaminado com varíola). A carta à La Condamine expressa:

O Sr. de Grandmaison, meu sogro, seguiu antes de todos, com o objetivo de preparar tudo quanto pudesse facilitar a viagem de sua filha até o lugar de embarque, do outro lado da grande cordilheira. A princípio, depararam-se-lhes alguns obstáculos por parte do presidente e capitão-general da província de Quito. Deve ser do vosso conhecimento, Senhor, que a via amazônica está proibida pelo rei da Espanha; mas tais dificuldades cessaram prontamente, desde que meu sogro lhe apresentou um passaporte do vice-rei de Santa-Fé, 7 d. Sebastián de Estava (obtido por mim, quando regressei de Cartagena, aonde fui enviado para resolver certos assuntos de nossa comissão em 1740), mediante o qual se nos deixava a livre escolha da rota que nos parecesse mais conveniente; também o governador espanhol da província da Mainas e de Omañas, prevenido da próxima chegada de minha mulher, teve a cortesia de enviar-lhe ao encontro uma canoa com víveres, tais como frutas, laticínios e outras coisas, a qual a alcançou a pouca distância do povoado de Omañas; mas, quantas contrariedades, quantos horrores deviam preceder a este ditoso momento! (LA CONDAMINE, 2000, p. 187)

Madame Godin partiu de Riobamba no ano de 1769, sua tripulação era composta por 31 indígenas, três empregadas, e um empregado, dois irmãos de Isabela, um sobrinho de 12 anos de idade e, por fim, três franceses misteriosos. A primeira parte da viagem não seria tão fácil, pois teriam que atravessar uma região montanhosa e coberta por florestas. E assim aconteceu. Chuva intensa durante a travessia de noventa e cinco quilômetros em linha reta, durando cerca de sete dias.

No entanto, um dos integrantes do grupo do seu pai estava contaminado, resultando em uma epidemia de varíola na vila da missão. Ao chegar lá, a equipe de Madame Godin não encontra ninguém, os habitantes que sobreviveram fugiram e atearam fogo nas casas, a fim de acabar com a virulência. Conforme Jean Godin:

Minha mulher saiu de Riobamba (onde residia), com sua comitiva, a 1º de outubro de 1769. Chegaram a Cañelos, embarcadouro no ribeirão Bohonasa, afluente do Pastaça, como este é do Amazonas. O Sr. de Grandmaison, que os havia precedido de quase um mês, encontrara naquela aldeia toda a sua povoação, e dali continuara o caminho, a fim de contratar tripulações em todos os sítios por onde tinha de passar sua filha e que deveriam servir a esta. Sabendo ele que minha mulher vinha acompanhada de seus irmãos, de um médico, de um negro e de três criadas mulatas ou índias, prosseguiu a viagem até às missões portuguesas. Naquele entretanto, uma epidemia de varíola [...] forçara a emigrar da aldeia de Cañelos os seus habitantes, que tinham visto morrer os primeiros atacados do morbo, enquanto os outros se dispersavam pelas matas longínquas, onde cada um deles tinha o seu abatís, uma espécie de casa de campo. Obtivera minha mulher uma escolta de trinta e um índios, destinada a transportá-la com a respectiva bagagem. Sabeis que aquela vereda – a mesma trilhada por d. Pedro Maldonado, que também, para onde háveis chamado – não é transitável nem sequer por mulas: as pessoas que podem caminhar, fazem-no a pé, e as demais são carregadas às costas de índios. Os que Mme. Godin havia trazido e aos quais pagara adiantadamente, consoante o mau costume do país e originado da desconfiança, algumas vezes bem fundada, daqueles desgraçados, apenas chegaram a Cañelos, abandonaram-na sem dizer tir-te nem quarte, ou por temerem o contágio das bexigas, ou por medo de que fossem obrigados a

embarcar, pois nunca tinham visto uma canoa, senão de longe. [...] Que resolução havia de tomar minha mulher, em tais conjunturas? Ainda que lhe fosse possível retroceder, o desejo de chegar ao barco, enviado a recebê-la por ordem de dois soberanos, e o anseio de tornar a ver o esposo após vinte anos de ausência, compeliram-na a desafiar todos os obstáculos, no extremo a que se vira reduzida (LA CONDAMINE, 2000, p. 187-188).

Nessa vila, Madame Godin e sua equipe passaram a noite, com exceção dos nativos, que fugiram para a floresta. Ao amanhecer, o grupo se deparou com nativos dali e Madame Godin conversou com eles em uma língua específica (quíchua), tomando conhecimento do que havia acontecido na aldeia. Dois nativos foram contratados para construir nova embarcação, pois sumiram as que estavam sendo utilizadas, porém, ao amanhecer, estes não estavam mais lá, fugiram com o pagamento que lhes foi dado. Jean Godin relatou ao seu amigo:

Na referida aldeia, não havia mais que dois índios ilesos do contágio variólico, e nenhum deles possuía canoa. Prometeram fabricar uma e nela conduzir minha mulher até à missão de Andoas, quase doze jornadas mais aquém, rio Bobonosa abaixo, distância aquela que pode ser calculada em 140 ou 150 léguas. Mme. Godin pagou-lhes tudo adiantadamente, e, acabada a canoa, saiu de Cañelos a comitiva. Após dois dias de navegação, fizeram uma parada, para pernoite mais descansado. Na manhã seguinte, haviam desaparecido os dois índios. A mal-afortunada comitiva voltou a embarcar-se sem guia algum. (LA CONDAMINE, 2000, p. 188).

Voltar não era opção para Isabela, agora, sem alguém para guiar, partiram no intuito de continuar a viagem. Os três franceses incentivaram o retorno, pois a viagem não lhes convinha mais. A mulher argumentou que o próximo ponto de parada estava a cinco dias de viagem (Andoas), logo, todos compreenderam a situação e intenção de Isabela. Um deles se voluntariou para ser o timoneiro, desviando de rochas, árvores, conseguindo passar pelas correntes, mas algo aconteceu, seu chapéu voou e, na tentativa de recuperar, o rapaz caiu no rio e bateu a cabeça, sumindo nas águas. A balsa também se perdeu neste infortúnio. Godin registrou:

Mal dirigida também, a balsa não tardou a dar de encontro com uma galhada submersa e virou-se: perdeu-se a bagagem, assim como os víveres, e toda gente caiu na água. Felizmente não pereceu ninguém ali, graças à pouca largura do rio naquele ponto. Mme. Godin, depois de dois mergulhos, foi salva por seus irmãos. Reduzidos a uma situação ainda mais contristadora do que a anterior, tomaram a deliberação de seguir todos juntos e a pé, pela beira do rio. Empreendimento vão! Bem sabeis, Senhor, que as margens daqueles cursos de água estão sempre cobertas de opulenta vegetação silvestre, constituída de ervas, lianas e arbustos, por entre os quais só se pode abrir passagem de facão em punho, perdendo-se muito tempo. Voltaram, por isto, ao seu último carbet, carregaram os víveres que haviam deixado ali, e

retomaram a caminhada. Logo averiguaram que, seguindo pela beira do rio, as sinuosidades destes aumentavam muito o percurso, e, a fim de evitar esse inconveniente, meteram-se no bosque, onde se perderam poucos dias depois. (LA CONDAMINE, 2000, p. 189-190).

De quarenta e um integrantes, a equipe de Isabela contava, até este momento, com nove pessoas. Naquele mesmo dia, a canoa bateu e todos caíram no rio revolto, mas conseguiram se salvar, alcançando as margens. Madame Godin contou com a ajuda de seu fiel empregado, recuperando, inclusive, a canoa. Equipamentos e suprimentos foram danificados e perdidos. O médico francês incentivou o avanço de alguns integrantes para Andoas, que estava a quatro dias de viagem, juntamente com ele foi o escravo Joaquim e a última embarcação.

Os que ficaram alimentaram-se da comida que ainda restava, mas, passados doze dias, a comida foi ficando escassa, acabou e o resgate não chegou. Madame Godin ordenou a construção de uma jangada, que foi construída rápido demais, tornando-a ineficiente, pois no primeiro impacto ela se desfez. Mais uma vez os tripulantes caíram nas águas do rio Amazonas e tiveram que nadar para alcançar as margens. Desta vez não lhes restou mais nada, nem comida, nem equipamentos, nem roupas. A viagem acontecia desastrosamente.

O sobrinho de Isabela foi o primeiro a falecer (Joaquim, 12 anos), seguido de Rosa e Elvia (suas empregadas), a terceira empregada sumiu na selva e não retornou. Na triste sina de Madame Godin, morreram, ainda, seus dois irmãos, vale frisar que os corpos não foram enterrados, pois ninguém tinha forças para tal tarefa e os últimos sobreviventes permaneciam ali, por entre os cadáveres. O último a morrer foi o francês que estava com a Madame, que, na sequência, seria a próxima a padecer. Jean Godin relata que:

Fatigados por tantas marchas incômodas através o mais espesso da selva, feridos e chagados os pés pelas sarças e espinhos, acabados os víveres, atormentados pela sede, não tinham mais com que alimentarse, senão com frutos silvestres e palmitos. Esgotadas, enfim, as forças, pelo cansaço e pela escassa nutrição, sentam-se em terra e não podem mais levantar-se. Quase todos soltam ali os últimos alentos: em três ou quatro dias, expiram uns após outros. Mme. Godin, aturdida junto a seus irmãos e a outros cadáveres, ali permaneceu quarenta e oito horas, extraviada, aniquilada, torturada de contínuo pela mais ardente sede. Mas a Providência, que queria conservá-la, deu-lhe valor e força para arrastar-se mais além e ir encontrar a salvação que a aguardava. Descalça, cortou os sapatos dos irmãos e atou aos pés as respectivas solas; seminua, mal lhe cobriam o corpo a mantilha e a camisa, reduzidas a farrapos pelas sarças. As sete outras pessoas de infeluz expedição expiraram entre 25 e 30 de dezembro de 1769, pouco mais ou menos, a julgar por dados posteriores bem comprovados e pelo que me

contou a única que escapou da morte. Nove dias depois de haver abandonado o lugar em que viu seus irmãos e criados exalar o derradeiro suspiro, chegou ela à margem do Bobonasa. Bem verossímil é que o tempo lhe parecesse maior. Como, em tal estado de esgotamento e de penúria, pôde conservar a vida uma frágil mulher, educada com delicadeza e conforto? (LA CONDAMINE, 2000, p. 190).

Madame Godin, em meio ao delírio e ao cenário de horror, juntou suas forças, fez sandálias dos sapatos dos irmãos mortos e embrenhou-se na selva, na tentativa de conseguir ajuda e não sucumbir ali. Andou sem rumo, atordoada. Nove dias se passaram e Madame Godin vagou pela mata. Joaquim, seu empregado, retornou ao local com ajuda e se deparou com a cena dos cadáveres, apodrecidos, porém, não contou os corpos, acreditando que Isabela estava morta também.

A notícia se espalhou, chegando até o pai de Isabela e Jean Godin, alcançando La Condamine, que estava do outro lado do Atlântico. Mas, Madame Godin não morreu. Após perambular pela selva, encontrou com dois nativos que a socorreram. Ao chegarem em outra missão, o padre superior ofereceu ajuda para o retorno da mulher à Riobamba, porém ela não aceita, acreditando que se passou por tudo isso, deveria seguir em frente, senão as mortes teriam sido em vão. Na carta direcionada à La Condamine, o marido de Madame Godin escreve:

No oitavo ou nono dia, pelos cálculos de Mme. Godin, foi que, depois de ter saído do lugar da lúgubre cena, alcançou ela, de novo, as margens do Bobonasa. Ao romper a alva, ouviu ruído a coisa de duzentos passos do lugar onde parara. Um primeiro impulso de pavor fê-la de pronto internar-se no mato; mas refletindo em que nada pior do que a situação em que se achava poderia acontecer-lhe e que, portanto, nada havia a temer, achegou-se à beira do rio, ali avistando dois índios, que arrastavam para a água uma canoa. É costume, quando se salta em terra para pernoitar, virar total ou parcialmente as canoas, a fim de evitar-lhes acidentes; com efeito, se se rompessem durante a noite, as amarras de uma canoa a flutuar no rio, lá se iria ela águas abaixo, e que seria dos que ficaram a dormir tranqüilamente em terra? Avistando Mme. Godin, dirigiram-se os índios para o ponto onde ela estava. Rogou-lhes ela que a conduzissem para Andoas. Ora os índios, afastados desde muito de Cañelos, donde, com suas mulheres, fugiram do contágio da varíola, vinham de um abatís longínquo que possuíam, e dirigiam-se precisamente para Andoas. Receberam minha mulher com demonstrações de afeto, cuidaram dela e levaram-na para a referida aldeia. Houvesse ela podido passar ali alguns dias, para descansar, quão benfazejo não lhe seria isso, como vos será fácil imaginar. Indignada, porém, com o procedimento do missionário, a cuja mercê se encontrava, e com o que, por essa mesma razão, se viu obrigada a fingir, não quis prolongar a sua estada em Andoas; nem sequer houvera pernoitado ali, se isso dependesse apenas dela (LA CONDAMINE, 2000, p. 192).

A notícia de que Isabela estava viva se espalhou, chegando até seu pai, Jean Godin e La Condamine, assim, enfim, o galeote se preparou para a viagem. Dom

Pedro, após perder dois filhos e um neto, foi ao encontro de sua filha que percorre o rio para encontrar seu marido. Conforme um trecho de uma das cartas:

Inteirado então de tudo que se passava, saí do porto de Oiapoc numa galeota da minha propriedade, na qual prolonguei a costa, pela travessia de Maiacaré, a fim de alcançar o barco que eu ansiosamente esperava; e quatro dias mais tarde, a bordo do mesmo – depois de vinte anos de ausência, de sobressaltos, de contratemplos e de recíprocas desditas – recuperei minha querida esposa, que eu chegara a pensar não ver jamais. Olvidei em seus braços a perda dos frutos do nosso consórcio, da qual a mim mesmo me felicito porquanto a sua morte prematura os salvou da sorte funesta que os esperava, assim como a seus tios, nas selvas de Cañelos, à vista de sua mãe, que seguramente não houvera sobrevivido ao terrível espetáculo (LA CONDAMINE, 2000, p. 197).

O navio retornou para a França, chegaram a tempo de rever La Condamine, que morrera cerca de um ano após o reencontro com o amigo e ex funcionário. La Condamine conseguiu que, de certa forma, Jean Godin fosse recompensado, ganhando uma pensão real. Isabela e seu pai nunca mais retornaram ao Peru. Os Godin ficaram sem descendentes. Jean morreu em sua casa e, seis meses depois, Isabela faleceu. O casal viveu mais dezenove anos após o reencontro (SMITH, 1990).

Após todos os perrengues, tragédias, traições e sofrimentos, Isabela não conseguiu se libertar das lembranças dessa travessia, pois carregava consigo o peso de várias mortes, sofrendo a cada dia, com cada fio de memória. Jean Godin relata que:

Por mais que toda a gente procure distrair minha mulher, ela sempre está triste, pois que trás sempre no espírito as suas mesmas desditas. Quanto me custou obter dela os esclarecimentos que me eram necessários, até para expô-lo a meus juízes, na tramitação do processo a que aludi! Não duvido de que ela guardou em silêncio, por delicadeza, muitas minúcias das quais desejara, para não se afligir, perder até a lembrança. Nem mesmo queira que eu perseguisse a Tristan d' Oreasaval, pondo de manifesto a sua compaixão e obedecendo aos impulsos de sua piedade em relação a um homem tão velhaco e tão injusto (LA CONDAMINE, 2000, p. 200).

Infere-se, nesse contexto, que inúmeros outros foram os acontecimentos e situações vivenciadas por Madame Godin, alguns destes permaneceram com ela até o fim. Há indícios históricos de estupro (ou, no mínimo, tentativa) em se tratando de uma das empregadas. Contudo, as cartas escritas por Jean Godin mostram a luta, coragem, força e resistência de sua mulher, Isabela, que numa tentativa desenfreada cruzou a selva amazônica, atravessou o rio Amazonas e alcançou o que desejava. É

notória sua determinação e persistência, sendo esta uma história de amor reconhecida no mundo inteiro.

Vale salientar, que as cartas correspondiam as narrativas das expedições e além de serem informativas e documentais, serviam como um certo entretenimento dos europeus, que se demonstravam curiosos com relação à nova terra e tudo o que ela apresentava, seja por meio das histórias fantásticas, seja pelas histórias de monstros, descrição de paisagem exótica e exuberante. A Amazônia, segundo Gondim (2019), era entendida e narrada como o Novo Éden, um lugar exótico e selvagem, despertando o interesse dos exploradores.

Evidências de colonização na história de Madame Godin

A travessia, segundo os relatos dos viajantes, na tentativa de chegar às Índias, fez com que os europeus se deparassem com um cenário nunca antes visto por eles, provocando encantamento imediato. O paraíso terrestre dispunha de uma grande quantidade de homens para trabalhar, servir e seguir os ensinamentos cristãos, isto pelo fato de os nativos tentarem repetir aquilo que os europeus faziam e, assim, tornar-se-iam escravos com mais facilidade. Porém, logo depararam-se [os europeus] com um cenário de assombro, no qual o canibal era a peça característica daquele inferno (GONDIM, 1994). De acordo com a autora:

Nas maravilhas e monstruosidades da Índia as feras estavam restritas aos espaços da natureza. Pode-se presumir que o convívio com esse híbrido ameríndio é quase uma transferência, sem ser explicitada, é uma alusão à natureza monstruosa do 'selvagem', de seus costumes 'bárbaros', fundidos – homem e fera – no mesmo espaço familiar. O que não deixa de ser uma imagem dupla do europeu diante do outro. Julgando, ou melhor, nomeando e qualificando o animal de 'serpentes e venenosas', exorcizava o novo, o que o amedrontava, o que o obrigava a reconhecer a inoperância de seu conhecimento, a sua inferioridade; por outro lado, a localização da fera que é domesticada e que servirá de alimento – 'e comiam-nas' – dentro da habitação do nativo, é aproximar a natureza do outro, nivelando-a ao animalesco; ao mesmo tempo em que o estrangeiro se distancia, pelo confronto constrói a supremacia da sua raça (GONDIM, 1994, p. 56).

Observamos que o território encontrado provocou encantamento aos europeus, assim como medo e estranheza, pois ao mesmo tempo em que vislumbravam as maravilhas, o pavor também tomava conta, visto que diversos costumes das populações locais eram completamente diferentes daqueles ditos "civilizados".

A história protagonizada por Isabela é marcada por inúmeras dificuldades durante a travessia do rio Amazonas para encontrar seu marido, separados durante vinte anos. Ao fazer uma abordagem a partir dos estudos pós-coloniais, nota-se o processo de colonização das Américas, em que diversos estrangeiros aportaram, invadiram e dominaram o território e os povos que ali habitavam. Uma história de amor em meio a tanta dor, dor por parte da peruana, em perder entes queridos e dor por parte das populações que sofreram a colonização, tendo suas terras tomadas, sua cultura dilacerada e sua gente exterminada, não poderia se sobrepor a tais fatos.

Sobre a conquista e “civilização”, Herrera Flores (2019, p. 2) destaca:

[...] naturalização do extermínio, expropriação, dominação, exploração, morte prematura e condições que são piores que a morte, tais como a tortura e o estupro. Isso quer dizer que, historicamente, as culturas hegemônicas tentaram fechar-se sobre si mesmas e apresentar o outro como bárbaro, o selvagem, o incivilizado e, como consequência, suscetível de ser colonizado pelo que se autodenomina civilização.

Como marcas da colonização visível na história do casal, aponta-se a conquista de terra, uma vez que Jean Godin era topógrafo e estava trabalhando na demarcação territorial, bem como nota-se a tentativa de proposta de guerra para que os franceses “tomassem” as terras dos portugueses, quando, na verdade, as terras eram dos nativos do continente, mas buscando “civilizar”, os europeus se apossaram a força. Gondim (2019), afirma que no processo de colonização é possível observar as relações de poder que inferiorizam o diferente, legitimando a dominação:

À gradativa animalização dos nativos corresponde o progressivo endeusamento dos europeus nos embates bélicos, no resgate de nativos pacíficos das mãos dos canibais. Estes, principalmente, pois se recusavam a contactar com os estrangeiros ou, quando o faziam, a seguir fugiam, *o que nos pareceu inteiramente bárbaro ato, que julgamo-los gente de pouca fé ou de má condição. Os outrora pacíficos gigantes agora atiram flechas nos europeus, e nos meteram em tanta perturbação que melhor estaríamos por vontade nas naves a nos encontrarmos com tal gente (...) e falavam entre si de um som, como se quisessem nos meter as mãos* (GONDIM, 1994, p. 59) (grifos da autora).

Outro aspecto da colonização está no fato de ter tornado os nativos em empregados e os negros traficados em escravos. Joaquim retrata a questão da escravidão, apontado como fiel empregado, que vive em função de servir:

A despersonalização do negro era o produto de um singular e violento processo de *desaculturação* e de *desenraizamento* ontológico. Negado como humano, o ser-negro é desapropriado de sua essência humana *como negro* e essa desapropriação ontológica é pautada especificamente na raça. A experiência histórica da escravidão negra, centrada especificamente na *raça*, não tinha comparação na história da humanidade. Ela também havia construído, mundialmente, todo um imaginário social específico desfavorável ao *corpo negro*, às *feições do negro* e às suas culturas (CÉSAIRE, MOORE, 2010, p. 24). (Grifos do autor)

A violência contra a mulher também é presente nos relatos, assim como a invisibilidade e a opressão do gênero feminino. Como exemplo, citamos a própria Isabela, que em boa parte da história é chamada de Madame Godin, invisibilizando sua raça, seu gênero e sua identidade. Para Lugones (2014, p. 941):

Assim, além da raça como um paradigma colonial extremamente significativa para o desenvolvimento do processo colonialista, o gênero também fez parte de um processo articulado em que a invisibilização da humanidade da mulher e dos colonizados, evidenciasse o modelo ocidental de humanidade. Portanto, nessa perspectiva, quando se fala em colonialidade, raça e gênero, busca-se compreender o debate que María Lugones chama “colonialidade do gênero” e também a possibilidade de o superar por meio de um “feminismo decolonial”.

O poderio masculino branco europeu é bastante visível, pois aparecem na narrativa apenas Isabela e três empregadas de origem ameríndia. Além da opressão vivenciada pela empregada, nota-se, ainda, a invisibilidade e subalternidade do escravo fiel de Isabela, uma vez que o relato escrito por Jean afirma que ela foi a única sobrevivente, mas sabe-se que o empregado foi até o local com a ajuda, “[...] despachou o preto para Quito, a fim de que fosse ali o depositário da bagagem que lhe havia trazido de Andoas [...]” (LA CONDAMINE, 2000, p. 194).

A “colonialidade do poder” (QUIJANO, 2005) é outro ponto detectado na história de Madame Godin. Isso corresponde à atuação centralizada em poder e hegemonia do sistema colonial e capitalista, tendo em vista que essa colonialidade e o colonialismo imbricam a invisibilidade e apagamento do outro, estruturando desigualdade, pobreza, exploração, racismo, dentre outros tipos de violência e opressão.

Em *Os condenados da terra*, Fanon (1968) aborda que o colonizador sentia necessidade de oprimir os colonizados, a fim de garantir novas terras, novas riquezas e novos *donos* da terra, como ganho pelas travessias ultramarinas, em que os colonizadores chegaram e tomaram posse. Ao longo das cartas escritas por Jean

Godin, é possível identificar a relação de poder do colonizador em relação ao colonizado. Isso fica evidente nas relações entre escravo e empregador, tendo em vista que os indígenas tiveram suas terras invadidas e tomadas, tornando-se, desta forma, subjugados e considerados inferiores por terem costumes e culturas próprias, consideradas pelos europeus como bestiais.

Nesse sentido Gondim (2009, p. 40), afirma que

o fincamento das bandeiras em solo estrangeiro foi acompanhado pela legitimação discursiva de louvor a Deus, a Jesus Cristo e a sua Madre Igreja [...] os nativos convertidos, rearrumados em povoados organizados e erigidos sob a ordem e a administração dos inacianos, comporiam o quadro ideal para o esfacelamento dos costumes tidos como não naturais pelos europeus.

Os estudos pós-coloniais permitem olhar para a história e, através da literatura retomar memórias, problematizando as relações de poder existentes no processo de colonização, identificando atitudes colonizadoras evidenciadas na história de Madame Godin e que perduram até os dias atuais.

Tessitura de fios (finais)

As cartas enviadas à La Condamine remetem a acontecimentos do século XVII, descrevendo a tentativa a todo custo de uma mulher que embrenhou-se na selva e no rio Amazonas, para reencontrar seu marido, separados por cerca de duas décadas, marcando, ainda, aspectos do processo de colonização, uma vez que o motivo da ida de Jean Godin à América foi demarcar território para a França, além disso, França, Portugal e Espanha travavam lutas para essa “conquista”, que nada mais foi que roubo, invasão e apropriação indevida de recursos naturais e humanos.

Nesse sentido, são notórios alguns aspectos da colonização que o conto “Madame Godin” nos remete: as relações de poder entre colonizado/colonizador, a invisibilidade e opressão vivenciadas pelas mulheres, dentre elas, a violência e opressão que Madame Godin vivenciou na busca pelo seu esposo.

As cartas escritas por Jean Godin e endereçadas à La Condamine permitem a percepção da figura histórica de Madame Godin no contexto de colonização da Amazônia. O contexto histórico que o conto apresenta nos permite envidar memórias dos aspectos colonizadores que a mulher amazônica vivenciou nesse processo.

A literatura ficcionaliza a história e seus personagens e nessa urdidura criativa, permite refletir e ressignificar a história, pois por meio do fazer e desfazer os fios da

memória, possibilita descolonizar as práticas excludentes e de inferiorização em relação ao outro, construindo quiçá um novo olhar.

Referências

CÉSAIRE, Aimé; MOORE, Carlos (Orgs.). *Discurso sobre a Negritude*. Belo Horizonte: Nandyala, 2010. (Coleção Vozes da Diáspora Negra, Volume 3).

DOMINGUES, Angela. *Viagens de Exploração Geográfica na Amazônia em Finais do Século XVIII: política, ciência e aventura*, Funchal, Secretaria Regional do Turismo, Cultura, Emigração - Centro de Estudos de História do Atlântico, 1991.

FANON, Frantz. *Os Condenados da Terra*. São Paulo: Civilização Brasileira, 1968.

GONDIM, Neide. *A Invenção da Amazônia*. Manaus: Valer, 2009.

HERRERA FLORES, Joaquim. *A (re) invenção dos direitos humanos*. Florianópolis: Fundação Boiteux, 2009.

HOMERO. *Odisséia*. Tradução: Donaldo Schüler. Porto Alegre, RS: LP&M, 2011.

LUGONES, María. *Rumo a um feminismo descolonial*. Revista Estudos Feministas, v. 22, n. 3, p. 935-952, 2014.

LA CONDAMINE, Charles-Marie de, 1701-1774. *Viagem na América Meridional descendo o rio das Amazonas*. Brasília: Senado Federal, 2000.

MEMMI, Albert. *Retrato do colonizado precedido de retrato do colonizador*. Tradução de Marcelo Jacques de Moraes. Rio de Janeiro: Civilização brasileira, 2007.

PRATT, Mary Louise. *Os Olhos do Império: relatos de viagem e transculturação*. Bauru: EDUSC, 1999.

QUIJANO, Anibal. *Colonialidade do poder, eurocentrismo e América Latina*. In: A colonialidade do saber: eurocentrismo e ciências sociais. Perspectivas latino-americanas. Buenos Aires: CLACSO, 2005. Disponível em: http://biblioteca.clacso.edu.ar/clacso/sur-sur/20100624103322/12_QUIJANO.pdf. Acesso em 19 de abr. de 2022.

RAMOS, Daniele e Cristina Mendes Pereira. Memória e literatura: contribuições para um estudo dialógico. Linguagem em (Re)vista, Ano 06, Nos. 11/12. Niterói, 2011, p. 92-104. Disponível em: <http://www.filologia.org.br/linguagememrevista/11/07.pdf>. Acesso em: 18 de abr. de 2022.

ROCHA, Hélio. 1965. *Gaivotas*. Guaratinguetá, São Paulo: Penalux, 2015.

SMITH, Anthony. *Os Conquistadores do Amazonas*. São Paulo: Círculo do Livro LTDA, 1990.



WHITE, Hayden. *Trópicos do Discurso ensaios sobre a crítica da cultura*. Tradução de Alípio Correia de Franca Neto. São Paulo: USP, 1994.